

A CONAQ é um movimento, em movimento!



Selma Dealdina dos Santos

entrevistada por



Ana Sanches

Ana: Selma, por favor, se apresente para os leitores da Diálogos Socioambientais!

Selma: Sou quilombola, de um território chamado Sapê do Norte. Eu nasci no quilombo que se chama Angelim III, mas atualmente eu e minha família, a gente tá no quilombo Morro da Arara, ambos no município de São Mateus, no estado do Espírito Santo. As duas comunidades são certificadas, mas a gente, infelizmente, não tem um território titulado ainda no Espírito Santo. A gente tem um TCU, que é o Termo de Concessão de Uso, no quilombo São Pedro, em Ibirapu, no Espírito Santo. É o mais próximo que a gente tem de titulação. O Espírito Santo tem mais de 100 comunidades quilombolas. Há oito anos, eu aceitei o desafio de vir para Brasília, para a Secretaria Nacional da CONAQ — a Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas.

Ana: O que é a CONAQ? Qual é o seu papel na proteção ambiental?

Selma: É um movimento que agora, em 12 de maio, completou 27 anos de luta, de afirmação da identidade quilombola, pela terra, pelos direitos, de denúncia contra as violações dos direitos humanos, de denúncia pela lentidão do Estado brasileiro em titular os territórios quilombolas. A CONAQ nasceu em 12 de maio de 1995, em Bom Jesus da Lapa, no quilombo Rio das Rãs, na Bahia, e vem fazendo essa luta. Eu estou há exatos 20 anos na CONAQ.

Minha irmã foi coordenadora da CONAQ, para o estado do Espírito Santo. Domingas dos Santos Dealdina criou a Comissão Estadual e a Comissão do

Sapé do Norte, junto com os outros companheiros, alguns ainda permanecem na luta, outros mais na luta de base. Então, estamos aqui.

A CONAQ vem fazendo uma demarcação pela pauta ambiental. Na verdade, a gente já trabalha ou já atua indiretamente com a questão ambiental. Acho que está muito no que a gente faz. **Não é uma coisa que a gente começou agora. Acho que talvez a questão que eu sempre digo é que são as nomenclaturas que vão dando. Então, a gente sempre esteve lá preservando, cuidando do ambiente por inteiro, mantendo as matas de pé.** Por vários motivos. Primeiro, por causa da questão da ancestralidade, desse contato que a gente tem, dessa diferença que a gente faz do tratamento com a terra, do tratamento com a natureza, com a água, o respeito que a gente tem com a água. Também porque a gente sabe que a gente cuida do que a gente vive, cuida do que cuida da gente, então, acho que é um cuidado mútuo. A gente cuida da natureza e a natureza devolve para a gente os cuidados. Assim como quando a gente não cuida, a natureza devolve para nós o não cuidado.

A nossa luta vai muito pelo contexto, a terra, o território na verdade, pois ele é mais amplo. O espaço de produção, reprodução, de viver, do conhecimento, dos costumes, do modo de viver que essas comunidades têm. E aí, a gente é educado desde pequeno, esse respeito, não só com os mais velhos, não só com os mais novos, mas também o respeito com tudo em volta, a casa que a gente vive, a mata que a gente retira nossos alimentos, a planta que a gente colhe, a hortinha que a gente tem no fundo de casa, a não poluição dos rios. Você não vê quilombolas jogando veneno em rios, você não vê jogando lixo em rios. Pelo contrário, a nossa luta é por uma educação ambiental coerente. Nós, negros, sabemos o quanto é tudo muito cansativo, o debate e essa permanência do debate.

Ana: E qual é a atuação da Conaq na pauta negra no Brasil?

Selma: Tem um coordenador nosso que diz que a CONAQ é um movimento em movimento. Os movimentos não ficam parados no tempo. Os movimentos vão se movendo conforme precisa. Porque a pauta negra do Brasil, independente do campo, da cidade, da área, da floresta, ela é uma pauta que não vai se esgotar nunca. Porque a gente ainda está longe de desconstruir o racismo. A gente ainda está longe de desconstruir uma sociedade racista. A gente ainda está longe de ver, de fato, uma sociedade igualitária, que respeite o próximo, que queira que todo mundo seja fraterno, justo. Então, a nossa luta permanece.

Então, a pauta negra não se extingue. Ela é a cota nas universidades, a cota no serviço público, a titulação dos territórios, uma educação escolar quilombola, defesa da lei 10.639, pelo fim da violência contra a juventude negra, do feminicídio contra as mulheres negras e mulheres negras quilombolas, contra o assassinato de lideranças quilombolas na luta pela terra. Então, ela vem. E a pauta ambiental também vem junto nessa questão. E aí a gente chama a atenção para esse recorte. **Da necessidade de olhar para a pauta negra, de olhar para a questão racial, os indígenas e as pessoas pretas, negras, de uma forma especial, não só como bicho de laboratório que está lá para pesquisa, mas sim como pessoas que garantem isso tudo funcionando, o ar limpo, as florestas de pé, a água limpa, um ambiente mais seguro e mais coerente para a nossa vivência.**

Ana: Como os conceitos e termos acadêmicos, se encontram com saberes tradicionais quilombolas?

Selma: Se você perguntar para o meu pai o que é agroecologia, ele vai dizer que é preguiça nossa de não querer capinar. **“Pode tratar de capinar isso aí, que aqui não rola esse negócio de agroecologia”** porque na visão dele, se você vai olhar do modo dele, ele capina, ele planta o pé de mamão. Na sombra do pé de mamão, ele planta o quiabo, ele planta o couve, porque ele entende de que a sombra de um vai ajudando o outro. Ele entende que plantar taboa, plantar bambu, a volta dos rios, junta água. Então tem toda essa forma de tirar aquilo. A gente, em 2021, fizemos uma retomada no território que estava sob domínio da empresa de eucalipto, lá no meu território, no Angelim III, onde eu nasci. E aí a galera entrou, derrubou os eucaliptos e plantou. Plantou. Colhemos feijão, colhemos abóbora, colhemos couve, colhemos quiabo, colhemos mandioca

Então a gente também quer terra pra plantar, pra colher, pra alimentar, pra geração de emprego e de renda.

Ana: A luta quilombola já existe há muito tempo e a CONAQ vem para fortalecer essa luta. E ela é mais ainda fortalecida quando as mulheres começam a conquistar esses espaços de poder. Você falou que o movimento quilombola é um movimento em movimento, ou seja, que se transforma, que se reconfigura. Conte um pouco mais sobre as histórias quilombolas?

Selma: **O Brasil não conhece a história do Brasil.**

Eu estudei sobre a Revolução Francesa. Eu estudei sobre a Revolução Russa. Eu estudei sobre a URSS, aquele país que não existe mais. Eu estudei sobre o Holocausto. Mas eu não estudei sobre Cabanagem. Eu não estudei sobre Palmares. Eu não estudei sobre Antônio Conselheiro. Eu não estudei sobre Tereza de Benguela. Eu não estudei sobre o Zumbi dos Palmares. Porque no livro de história que tinha o Zumbi é sobre o negro fugido e uma imagem do Zumbi, que é essa que a gente tem reproduzido nas redes sociais que são do domínio público. Então, a gente não estudou a história do Brasil. **A gente parte do princípio de que o Brasil já existia com os povos originais. Ele não foi descoberto. Ele foi invadido. E que os nossos ancestrais foram traficados de lá pra cá e não vieram porque acharam que isso era uma maravilha. E que nessa travessia das lamentações, lamentavam, inclusive, por tá deixando os seus reinados, suas famílias, seu povo, num processo muito bruto que foi o processo da escravização. Que não acabou. A escravidão, a escravização, só se modernizou. Não é à toa que volta e meia estão estourando fazendas com trabalhos análogos à escravidão. E alguns não são análogos à escravidão. Alguns ainda batem, chicoteiam os seus funcionários.** Prendem uma pessoa... Como é que um professor da Universidade Federal de Minas tem sob cárcere privado uma pessoa há mais de 40 anos? Essa memória da escravização, essa memória da escravização, ela está muito fresca na memória de quem herdou isso.

Então, nas nossas costas, nas nossas costas pretas, tem uma cicatriz que nunca vai se curar. Tem uma cicatriz que, toda vez que o jovem negro é assassinado, ela sangra um pouco. Toda vez que uma mãe está desesperada procurando seu filho que sumiu pela violência do Estado brasileiro, ela sangra mais um pouco. Toda vez que eu leio um ato de Mirtes falando de Miguel, ela sangra mais um pouco. Toda vez que eu escuto Dona Marinete, ou leio Dona Marinete, referindo à memória de Marielle Franco, ela sangra mais um pouco. Toda vez que uma mulher é vítima de homicídio, as minhas costas sangram. Toda vez que uma criança leva um tiro de fuzil no corpo franzino, que não aguenta, e toda vez que um jovem que não chega completar 18 anos é executado pelo Estado brasileiro, ou pela luta de um território, as nossas costas sangram.

Toda vez que nossos terreiros são queimados, as nossas costas sangram. Então, existe uma cicatriz nas nossas costas e ela não vai deixar de sangrar. Ela vai sangrar sempre. A gente sempre diz que é ruim. Nas nossas costas tem uma ferida muito, muito profunda, sangrando, e que a gente está colocando band-aid. Estamos colocando band-aid nessa ferida. E não se cura ela com band-aid. Se você não limpar, se você não colocar os remédios corretos, se você não colocar esparadrapos, se você não fizer um tratamento, a ferida nunca vai se cicatrizar. Então, nós estamos colocando band-aid em uma capa espessa. Aí não vai ajudar, porque o band-aid serve mal, mal com o cortadinho mínimo do nosso dedo. E olhe lá. E olhe lá. Quando você usa o band-aid por muito tempo, e você toma banho e lava a mão, o couro da ferida fica branco, enruga. Eu estou fazendo uma relação, uma parábola, uma analogia, para dizer que isso ainda é muito forte. E isso é fruto da escravidão.

Para mim, a escravização foi o maior crime brutal cometido de todos os tempos. Respeito a todo mundo, mas não se trata nem de retratação. As pessoas acham que, para mim, cota não é retratação, terra não é retratação. Para mim, pedido de desculpa da boca para fora, seja do Papa, seja do presidente, não é retratação. Porque nossos corpos estão sendo retirados de um voo em pleno século XXI. Nossos corpos são chicoteados enquanto a gente está na calçada esperando alguém pedir um aplicativo e levar comida para alguém. Aquela cena daquela mulher racista no Rio de Janeiro, batendo em uma pessoa com um cordão de cachorro, é muito forte.

As pessoas não prestaram atenção para aquela cena. E se você ver a fúria, a ira dela, na hora que ela tenta, ela pega toda a força dela. E você pega como é que, na época da escravização, chicoteavam nossos corpos, a cena é muito verídica. E quem tiver alguma dúvida, pega algum quadro do Debray e confirma. Isso é muito forte. Então, **esse processo da escravização, ele está muito forte com os brancos. Ela está muito forte com os racistas. Ela está muito forte com quem compactua, com quem financia, com quem patrocina, com quem ajuda a escravidão no Brasil. A permanência, o não-rompimento e a falsa abolição.**

Porém, no Brasil, existem dois movimentos sociais organizados, reorganizados e ressignificados. O movimento dos povos originários e o movimento dos negro do Brasil, iniciando pelos quilombos. A organização da comunidade preta inicia nos quilombos, no lugar de resistência, no lugar onde surge a luta antirracista, iniciado na época de escravidão e que segue viva e necessária até hoje!

